

DEPOIMENTO SOBRE JACQUES LE GOFF (1924-2014)¹

Prof. Dr. Hilário Franco Júnior²

hilario.franco-jr@wanadoo.fr

Universidade de São Paulo (USP)

Fins de 1990, a porta do elevador se abriu no 8º andar do prédio nº54, Boulevard Raspail, Paris, onde funcionava a École des Hautes Études en Sciences Sociales (EHESS, como lhe chamam os franceses), e me vi diante de Jacques Le Goff pela primeira vez. Ele estava com outra pessoa e eu, surpreso com o inesperado encontro, fiquei alguns instantes sem falar nada. Mas logo pedi desculpa por interrompê-los, me apresentei, ele me deu boas-vindas e disse que quem controlava sua agenda era sua secretária, a quem eu me deveria dirigir para marcarmos nosso primeiro *rendez-vous*. Enquanto procurava a sala pensei, “cá estou, finalmente”: meses antes tinha tomado coragem e escrito a Jacques Le Goff com um projeto de pós-doutorado perguntando, sem muita fé em uma resposta positiva, se ele poderia me supervisionar.

Cerca de um mês depois (a época era de correio, não de e-mail) recebi uma resposta muito delicada, afirmativa, e com ela entrei com o pedido de bolsa na FAPESP. “Ah!”, interrompi meus devaneios, “esta é a sala”, disse para mim mesmo vendo a pequena placa marcada Groupe d’Anthropologie Historique de l’Occident Médiéval (GAHOM, segundo a preferência francesa pelas siglas). Entrei, expliquei o caso à atenciosa Mme. Christine Bonnefoy, fiel escudeira de Le Goff durante trinta anos, e saí dali com a reunião marcada para duas semanas depois. No trem que me levava de volta até o pequeno hotel fora de Paris que foi a base estratégica da família enquanto procurávamos onde nos instalar, lembrei da origem já distante daquela aventura familiar (acabamos por ficar dois anos e meio em Paris) e intelectual (sem ter feito mestrado e com o doutorado tendo sido, por várias circunstâncias, orientado por uma não medievalista, eu ia começar a mergulhar para valer na Idade Média). E guiado por Jacques Le Goff, quem diria, pensei.

De fato, dez anos antes, jovem professor de uma faculdade privada de São Paulo, ao fazer novas leituras para montar o curso e escolher textos para debater com os alunos, encontrei o então recente *Para um novo conceito de Idade Média*, tradução portuguesa de uma coletânea de artigos do francês Jacques Le Goff, de quem eu pouco

conhecia além de duas outras traduções, a portuguesa do pequeno livro sobre *Os intelectuais na Idade Média* e a brasileira de um ensaio particularmente instigante sobre a História das Mentalidades, incluído em uma obra coletiva que ele coordenou com Pierre Nora (*História: novas abordagens, novos objetos, novos problemas*) e que gerava na época muitos debates.

Fascinado pela maneira ao mesmo tempo erudita e imaginativa com que Le Goff tratava temas pouco usuais, procurei a partir de então conhecer outros livros de sua autoria. Meses depois (o ritmo de vida era decididamente outro) chegou a encomenda que eu tinha feito à Livraria Francesa: *Marchands et banquiers du Moyen Âge* (1956), *La Nouvelle Histoire* (1978), e o inovador *La civilisation de l'Occident médiéval* (1964), ainda hoje, parece-me, a melhor obra de conjunto sobre a Idade Média (ao lado do igualmente brilhante *Nascimento da Europa*, de 1962, do italiano Roberto Lopez). Enquanto aguardava estes livros, tive acesso a alguns artigos dele e continuou a crescer meu interesse por sua obra. No Brasil de então ela não causava o mesmo impacto que a de Georges Duby, o outro grande medievalista da época, talvez pela sua grande qualidade literária, porém eu me identificava muito com a temática de Le Goff e com a maneira de desenvolvê-la.

Absorto nesses devaneios, quase perdi a estação na qual deveria descer do trem. Nos dias seguintes, durante o pouco tempo que sobrava entre procurar um apartamento para os próximos meses e cuidar das questões burocráticas (pedido da *carte de séjour*, exame médico obrigatório, abertura de conta bancária, matrícula das filhas na escola, inscrição nas bibliotecas que eu pretendia frequentar, etc.), eu tentava me preparar para o primeiro encontro de trabalho com o professor Le Goff. Quando chegou o dia eu estava apreensivo. O clichê dos franceses secos, formais e cartesianos me preocupava: como seria recebido alguém vindo de um centro sem tradição medievalística? Meu projeto era realmente viável e interessante ou eu tinha sido aceito apenas por gentileza acadêmica? Será que eu precisava colocar uma gravata, o que sempre detestei? E meu francês, aprendido na escola 25 anos antes, seria compreensível?

Depois de esperar uns poucos minutos na pequena antessala da Mme. Bonnefoy, Jacques Le Goff saiu de sua sala acompanhando alguém, despediu-se dele, cumprimentou-me e entramos. A sala era bastante espaçosa, com estantes repletas em três paredes, o quarto lado todo de grandes janelas diante das quais estava a mesa de

trabalho. À frente dela, duas poltronas onde nos sentamos. Sentindo-me mais à vontade pela acolhida cordial, reparei que meu interlocutor era bem mais baixo e corpulento do que as fotos deixavam supor e do que eu havia notado dias antes. E se em várias fotos ele tinha me parecido um pouco carrancudo, o personagem diante de mim era francamente bonachão. Sua maneira de falar logo me chamou atenção, era pausada, com uma dicção muito límpida e um discurso bem ordenado, o que creditei ao fato de estar se dirigindo a um estrangeiro, mas o tempo mostraria que era sua forma de ser em todas as circunstâncias. Quase por transferência profissional, a necessidade de clareza do professor tinha formatado sua comunicação mesmo no dia-a-dia.

Outra característica que se revelou desde o início e seria confirmada ao longo dos anos era seu sincero interesse pelos interlocutores. Logo naquele primeiro contato ele quis saber da situação do Brasil em geral, e das condições de ensino e pesquisa em particular. Depois, pegando em cima da mesa o meu projeto, pediu que eu falasse mais sobre ele, e me dei conta então que a versão enviada tinha sido muito sintética para minimizar os erros daquele meu primeiro texto em francês. Mas o pedido foi feito sem conotação crítica, o que me deixou mais à vontade para desenvolver algumas ideias e solicitar indicações de leitura para pontos específicos. Por fim, ele explicou que seu seminário naquele ano era sobre o riso na Idade Média, ocorria às terças-feiras no final da tarde e eu estava convidado a participar caso me interessasse. Evidentemente que sim, respondi, estranhando os termos “seminário” e “participar”, na minha cabeça seria um “curso” a “assistir”.

Contudo logo na primeira sessão à qual compareci entendi que a designação era correta. A pequena sala tendo ao centro uma mesa retangular para umas 20-25 pessoas (o que lhe parecia muito) nada tinha a ver com os grandes espaços de muitas universidades brasileiras ou os anfiteatros das universidades francesas, de modo que a atividade ali desenvolvida não poderia ser uma aula magna, e sim um seminário, “*groupe de travail dirigé par un professeur et où les étudiants participent activement*” segundo a definição do *Petit Robert*. A organização espacial favorecia de fato a troca de ideias, a participação, que acontecia na meia-hora final, depois de o tema ter sido desenvolvido durante hora e meia pelo Le Goff, muitas vezes a partir de uma fonte primária que ele analisava minuciosamente e os auditores acompanhavam nas cópias previamente distribuídas.

É verdade que geralmente não chegava a haver um debate, mas por uma boa razão: na “explicação do texto” como os franceses dizem, Le Goff revelava, além de enorme sensibilidade para a tarefa, uma não menor capacidade didática mesmo realizando análises refinadas. Pessoalmente, o que mais despertava minha admiração era a habilidade para entremear comentários empíricos sobre o documento e observações metodológicas que embora pudessem passar despercebidas a um ouvinte menos atento eram extremamente ricas, instigadoras. Era como se houvesse dois planos do discurso, um aflorado, outro subterrâneo, alimentando-se mutuamente. Havia ainda um terceiro estrato, que suportava os dois outros sem transparecer claramente no seu discurso. Tratava-se de, seguindo seu “mestre póstumo” Marc Bloch, olhar para o passado pelo presente, o presente pelo passado, tendo o cuidado de guardar as especificidades de cada período. Ou seja, estudar história era para Jacques Le Goff uma atividade intelectual sofisticada, mas também, e não menos importante, uma ação cívica. Interessava-lhe a relação ambígua, difícil, entre indivíduo e instituição, o que ele próprio vivenciou em postos diretivos (presidente da EHESS, codiretor da revista *Annales*, fundador e condutor do GAHOM) e examinou historicamente a partir dos casos de São Francisco e São Luís.

Estimulado pelo subtexto teórico do seminário, depois de algumas semanas arrisquei lhe entregar um pequeno texto sobre essas questões. Tive então uma pequena mostra do que era seu trabalho de orientador: olhar agudo, mas respeitoso, sobre o texto, indicando pistas ali latentes das quais muitas vezes eu próprio não tinha consciência, e sem apontar explicitamente certas direções de pesquisa ele me levava a deduzi-las. Intimamente lamentei não tê-lo conhecido antes, nos meus anos de formação acadêmica, mas tive consciência da sorte de participar de seus cinco últimos semestres de seminário antes da aposentadoria, o que coincidiu com a hora de eu retornar ao Brasil. Embora ele e a família também partissem em viagem na semana seguinte para as sacrosantas férias de verão dos europeus, não deixou de convidar a mim e à minha mulher para um almoço de despedida na sua casa.

Esta, quase já fora de Paris, perto da Porte d’Orléans, era um apartamento acolhedor embora decorado com simplicidade. Conheci então Mme. Le Goff, uma polonesa simpática e de sotaque carregado que se revelou uma boa anfitriã. Depois do almoço, enquanto ela e minha mulher continuaram a conversar na sala, o professor Le

Goff me levou até seu escritório para uma derradeira discussão sobre meu trabalho. O espaço logo me impactou, era bastante grande, sem dúvida a maior peça da casa, e literalmente atulhado de livros e pastas. Da enorme mesa mal se via o tampo, coberto que estava por pilhas de livros e papéis esparramados. No chão em torno da mesa os livros formavam pequenas torres instáveis que pareciam a ponto de desabar. Meu olhar a este cenário não deve ter sido nada sutil, pois logo ele explicou que recebia muitos livros de colegas, ex-alunos e editores de todo o mundo e não tendo mais espaço nas estantes tinha de acomodá-los onde coubessem. No entanto, fez questão de dizer, aquela era uma “bagunça organizada” na qual ele localizava facilmente o que queria e por isso Mme. Le Goff estava proibida de intervir naquele espaço.

Na aparência a conversa transcorreu normalmente, mas na verdade eu não conseguia me manter concentrado, em parte hipnotizado pelas montanhas de livros cujos títulos eu tentava identificar, em parte por uma certa lassidão causada pelo vinho do almoço, em parte por uma nostalgia antecipada por deixar Paris. E ali mesmo eu começava a sonhar com futuros regressos e, naturalmente, novos encontros com Jacques Le Goff. Apesar do intelectual importante que era, muito traduzido e premiado, sempre visitado por nomes importantes da medievalística internacional, ele nunca tinha deixado de atender cordialmente o obscuro colega brasileiro. Esta rara combinação de brilhantismo intelectual e humildade pessoal me fazia antever, e desejar, um prolongamento da relação.

E de fato, tendo tido nos anos seguintes a oportunidade de prosseguir minhas pesquisas em Paris durante as férias brasileiras, a cada vez eu sempre fazia uma visita a Jacques Le Goff. Embora muito produtivo até o fim da vida, com a aposentadoria ele passara a ter mais tempo livre e a cada novo encontro pude ir conhecendo outras facetas, mais pessoais, do personagem. Por exemplo, para receber o manuscrito e um longo resumo em francês do meu *Cocanha. A história de um país imaginário* que ele havia aceitado prefaciá-lo, nosso encontro foi marcado para a Brasserie Lutetia, o restaurante de um histórico hotel quase em frente ao prédio da EHESS. Lá ele justificou a escolha como sendo um local adequado para se falar da Cocanha, e como que para comprovar a afirmativa pediu como entrada ostras e um vinho que se casa bem com elas. Quando soube que não gosto de ostras e que iria pedir outra coisa ficou quase pesaroso,

argumentando que naquela época do ano elas são ótimas e as servidas ali sempre muito frescas.

Depois das entradas vieram os pratos, os queijos, as sobremesas, os digestivos, e durante todo o tempo falou-se de comidas e bebidas. Trocamos impressões sobre diferentes experiências gastronômicas, elogiamos e criticamos certas especialidades nacionais e regionais. Quase como em uma canção dos *Carmina Burana*, em certo momento ele fez um longo elogio do vinho, que começou a beber “batizado” com bastante água aos dez anos de idade. Aos poucos seu pai foi permitindo que a água fosse sendo dispensada e o vinho puro passaria a acompanhá-lo (não me lembro se especificou a idade em que isso aconteceu): em uma conversa dez ou doze anos depois afirmou que ainda tomava uma taça por refeição o que, segundo ele, contribuía para sua longevidade apesar de alguns problemas de saúde. Terminado aquele almoço memorável ele acendeu o cachimbo e ficou largos instantes silencioso, com ar de visível satisfação, continuando a saborear mentalmente a refeição. Jacques Le Goff *gourmand*, eis uma imagem que até então eu desconhecia.

Quando, três anos depois, lhe pedi uma entrevista para o número inaugural da revista *Signum* (1999), não somente aceitou prontamente, como convidou para fazê-la na sua nova casa. Aquela que eu havia conhecido era um apartamento funcional que precisou abandonar quando se aposentou, como tinha feito o ocupante anterior, Fernand Braudel, nas mesmas circunstâncias. Graças aos direitos autorais do seu *Saint Louis*, o único livro com o qual ganhara dinheiro, contou certa vez, comprou o novo apartamento, em outra região de Paris. Lá, durante a conversa, mostrou-se entusiasmado com a criação da ABREM e da revista, de tempos em tempos pediria notícias a respeito, e na própria entrevista revelou apreço pelo Brasil, declarando publicamente o que já me havia dito outras vezes em conversas pessoais: lamentava que os convites para visitar o país tenham sempre aparecido em momentos de agenda cheia que o impediram de aceitar. No almoço após a longa entrevista (que precisou sofrer muitos cortes para alcançar um tamanho razoável para a revista), Mme. Le Goff mostrou um surpreendente conhecimento do Brasil, resultado, ela explicou, de várias leituras e do mesmo interesse que o marido pelo país.

Na hora da despedida ela simpaticamente renovou o convite de novo almoço na minha próxima estada em Paris, insistindo que minha mulher deveria estar presente.

Almoço que não aconteceria pois na viagem seguinte Le Goff me explicou que tinha sido diagnosticada uma doença muito séria em sua esposa. E de fato, nas pouquíssimas vezes em que a vi depois disso ela estava abatida e muito magra, vindo a falecer em 2004. Como eu já estava aposentado e passava boa parte do ano em Paris, passamos a nos ver uma vez por mês, e por muito tempo encontrei um homem profundamente abalado e que visivelmente havia perdido a alegria de viver. Seu assunto quase exclusivo passou a ser as viagens que o casal Le Goff havia realizado, relatadas com detalhes de roteiro e de peripécias, tudo envolto com muita nostalgia. Ouvindo-o, eu não conseguia deixar de lembrar de Dante Alighieri, autor que ele apreciava – “*Nessun maggior dolore / che ricordarsi del tempo felice / nella miseria*”.

Hanka Le Goff desempenhara um papel importante na vida do historiador. Com o casamento e a mudança para a França ela não pudera exercer sua profissão de médica na terra de adoção e sua vida tinha desde então sido dedicada à família. Como Jacques Le Goff viria a reconhecer publicamente, sem ela “eu sem dúvida não teria podido escrever minha obra”. A morte da esposa criou um vazio existencial e uma mudança radical de rotina. Ademais, isso coincidiu com o agravamento de uma doença que tornou sua locomoção bem limitada, o que o impedia de viver sozinho. Um aluno da EHESS foi contratado para lhe fazer companhia de noite, o costume de ouvir música após o jantar foi abandonado por despertar muitas lembranças de Hanka, a televisão ganhou espaço na sua rotina noturna.

Como homenagem à esposa e como parte do trabalho de luto, ele resolveu escrever um livro sobre ela que teria como pano de fundo as relações européias da segunda metade do século XX, em especial na Europa do leste que ele conhecia bem, pois parte das férias familiares costumava ser passada na Polônia, onde Jacques Le Goff contava com vários amigos. A ideia mostrava que seu interesse pela história continuava vivo apesar da dor, porém em relação à história pessoal foi difícil associar indivíduo e contexto, como ele havia feito brilhantemente alguns anos antes no seu *Saint Louis* (1996). O livro sobre a esposa não avançava e isso aumentava sua angústia. Por fim, em 2008 surgiu um volume de pequeno formato com pouco mais de 200 páginas, bem diferente do imponente *Saint Louis* e seu milhar de páginas. No *Avec Hanka*, ironicamente o grande historiador vivenciou sua lição teórica de que se a História é memória objetiva, baseada em documentos, os afetos que permeiam toda memória

devem ser bem controlados, pois estão contidos não apenas na matéria-prima do historiador, mas também nele próprio, cuja memória pessoal não deixa de interferir no trabalho de uma forma ou outra, com uma intensidade ou outra, desde a escolha do objeto de estudo até a maneira de lidar com a documentação.

Como quer que seja, o pequeno livro sobre a esposa de certa forma o tranquilizou e ele pôde retomar seus estudos de história medieval. Bem consciente, porém, de que o fazia sem a motivação e o fulgor de antes, em parte devido à idade, em parte devido à impossibilidade de visitar bibliotecas públicas e exposições de museus, em parte devido à melancolia. De tempos em tempos repetia que a morte da esposa tinha sido um choque, que sendo ela dez anos mais moça ele jamais pensara lhe sobreviver, e nesse quadro o trabalho funcionava como um derivativo, um verdadeiro passa-tempo, mesmo que sempre realizado com rigor. O isolamento provocado pelas condições físicas era minimizado pela participação nas reuniões periódicas do comitê dos *Annales* e pela produção e apresentação do programa mensal de rádio *Les lundis de l'histoire* (ambas realizadas na sua casa) que lhe permitia ficar a par das novas tendências e novas publicações historiográficas.

No entanto, nas nossas conversas de seus últimos anos de vida a história foi perdendo espaço. Ele começava quase sempre por se informar da minha família e do andamento da minha pesquisa, contava em que ponto estava a sua, às vezes comentava alguma publicação recente, mas logo passava para outras coisas. Futebol, por exemplo, para minha surpresa na primeira vez em que o tema surgiu. Além de gostar plasticamente do jogo e assistir muitas partidas pela televisão, mostrou que conhecia bem a movimentação em campo e se indignava com a crescente mercantilização do esporte e as manobras de bastidores. Sendo apreciador de literatura policial (sobretudo escandinava) e de séries televisivas do gênero (em especial as americanas), perguntava se eu conhecia tal autor ou se vira tal filme e tecia comentários sobre eles. Como não podia mais ir a cinemas, lembrava de certos filmes antigos e pedia opinião sobre lançamentos recentes que ainda não existiam em DVD nem tinham passado na televisão.

Assunto frequente eram as viagens, pois para nós dois o interesse por elas era o mesmo, histórico (monumentos e museus), acadêmico (bibliotecas e livrarias) e antropológico (usos e costumes locais). Ele falava bastante de suas duas cidades

preferidas, Paris e Roma, descrevendo alguns de seus locais e contando episódios pessoais ali acontecidos. No caso de Paris, já que não podia mais se deslocar, perguntava como estava tal parte da cidade ou o que eu achava de determinadas mudanças das quais tomara conhecimento pela televisão ou pelo jornal. Quando lhe pedi uma carta de apresentação para um *soggiorno* de pesquisa na extraordinária biblioteca da École Française de Rome, descreveu longamente os meses que passara na cidade enquanto terminava *La naissance du Purgatoire* (1981). Quando voltei dessa viagem, quis saber se a feira do Campo dei Fiori (perto da EFR) continuava viva e colorida como sempre, se ainda existia uma pequena mercearia com ótimos queijos e frios numa das esquinas da praça, se na biblioteca tais e tais coisas ainda funcionavam de tal e tal jeito.

Com efeito, ele ilustrava bem a conhecida afirmativa de Henri Pirenne, relatada por Marc Bloch, segundo a qual todo verdadeiro historiador se interessa pelo presente e pelos contemporâneos. É claro que ele não escapava, ninguém a partir de certa idade escapa, das reminiscências, exteriorizadas em relatos saborosos e cheios de digressões interessantes, sem que isso significasse virar as costas para o próprio tempo vivido. Continuava atento ao noticiário, acompanhava de perto os rumos da Comunidade Européia, construção em cujo sucesso depositava muita esperança, inquietava-se com o estado de coisas do mundo sem jamais cair na tentação típica dos idosos de garantir que no passado tudo era melhor.

Além, evidentemente, dos fatos relacionados com os filhos e os amigos, sua ligação mais clara com o presente talvez tenha estado na política. Tendo testemunhado a Segunda Guerra (tinha 16 anos quando da invasão nazista na França), acompanhou de perto a reconstrução e as mudanças dos pós-guerra, logo em 1948, sem perder suas convicções de esquerda, percebeu as tendências autoritárias do comunismo. De maneira geral sua opção ideológica não comprometia o espírito crítico, fosse no plano intelectual ao discordar do mecanicismo marxista, fosse no plano prático ao censurar o domínio soviético no leste europeu ou a lamentar a falta de líderes socialistas franceses da estirpe de Jaurès, Blum ou Mitterrand. O olhar analítico levou-o, ao contrário da maioria dos intelectuais de esquerda, a fazer um juízo pouco favorável sobre maio de 68, que segundo ele matou a universidade francesa ao ampliar repentina e desmesuradamente seus quadros docentes e discentes muito para além da massa crítica existente.

Seu humanismo de esquerda transbordava às vezes para certas figuras medievais, daí a atração por Francisco de Assis (ao qual consagrou alguns estudos) e sua rejeição a Bernardo de Claraval, personagem que considerava soturno e autoritário. Apesar de quase sempre muito ponderado, como toda pessoa de convicção não estava isento de eventuais exageros. Foi o caso quando afirmou que a obra de Mircea Eliade deveria ser evitada devido a uma certa etapa fascista do historiador romeno das religiões, rejeição meramente ideológica que não fundamentou em razões epistemológicas, metodológicas, científicas.

Defensor do trabalho intelectual em grupo, dirigente e fundador de instituições, estudioso interessado pelas pessoas, em última análise agentes e sujeitos da história, Le Goff manteve na última década de vida uma relação ambígua em relação ao isolamento que lhe foi imposto pelas condições de saúde e a um certo isolamento desejado desde a morte da esposa. Ficar envolto na leitura e na escrita ainda lhe dava satisfação, mas não preenchia a solidão, daí porque a pessoa que lhe fazia companhia de noite tinha como uma de suas obrigações assistir televisão ao seu lado, daí porque recebia sistematicamente alguns amigos e esporadicamente colegas ou jornalistas. Ele contava com satisfação as visitas que recebia e com certa desilusão as visitas que não recebia, embora entendendo que cada familiar, amigo ou colega tem suas próprias vidas, famílias, compromissos.

Abstraindo o peso intelectual de Jacques Le Goff, talvez os adjetivos mais adequados para ele sejam “leal” e “generoso”. É isso que explica as centenas de pessoas presentes ao seu sepultamento (embora os filhos tenham desejado uma cerimônia íntima) e os vários oradores que então tomaram a palavra. Fato compreensível, pois estimulou, apoiou e abriu portas a muitas pessoas. No que me diz respeito, aceitou supervisionar o pós-doc, apresentou futuros amigos como Jean-Claude Schmitt ou Franco Cardini, prefaciou *Cocanha* e interessou-se pela sua tradução em francês, colaborou na *Signum*, apoiou a publicação de um artigo meu nos *Annales*, não poupou conselhos e sugestões quando solicitado, a cada lançamento de um livro seu tinha sempre reservado um exemplar com uma dedicatória afetuosa.

*

Como dito no início, o objetivo destas poucas páginas foi o homem, não o intelectual Jacques Le Goff, cuja obra vasta, inovadora e de grande coerência interna

pediria uma abordagem específica. De toda forma, muitos inventários serão realizados, o maior deles daqui a 50 anos, confirmando ou negando a ideia que ele defendia de ser este o prazo de validade máxima da obra de um historiador. Provisoriamente, ele próprio fez um balanço em 1996, no livro de entrevista com Marc Heurgon, *Une vie pour l'histoire*. Balanço incompleto, apesar da curta atualização do posfácio da edição de 2010, pois nos últimos anos de vida escreveria ainda alguns livros que retomaram temas do início de carreira, sobre o tempo, o dinheiro, a cidade, o corpo, como alguém que, ritualisticamente, revisitava certos locais à guisa de despedida. E, complemento lógico deste edifício, seu último livro, publicado menos de três meses antes de morrer (*Faut-il vraiment découper l'histoire en tranches?*), é sobre a escrita da história e termina, por acaso ou por intuição, com a palavra que designa a matéria-prima de todo historiador, na verdade de todo ser humano – “tempo”.

¹ Trata-se aqui, seguindo a solicitação de *Brathair*, de fazer um depoimento de caráter voluntariamente pessoal sobre Jacques Le Goff, não de realizar um balanço sobre sua obra, o que tentamos em texto publicado por Maurício PARADA (ed.), *Os historiadores. Clássicos da história*, Rio de Janeiro, Editora da PUC-Rio, 2014, p.117-140.

² Realizou Pós-Doutorado com Jacques Le Goff na École des Hautes Études en Sciences Médiévales (EHESS).